

“A ira, Mênis, amaina” (Rapsódia XIX, *Iliada*)

Haroldo de Campos

É os-Aurora irrompia, peplo amarelo-cróceo,
do fluente Oceano, a deuses e mortais levando
luz. Nisto chega às naus, portanto o dom de Hefesto,
Tétis. Sobre o cadáver de Pátroclo, o filho
debruçava-se em pranto. Ao redor, numerosos
companheiros choravam. A deusa entre as deusas
apareceu. Tomando-lhe a mão, proferiu-lhe
estas palavras: “Filho, ainda que muito sofras,
deixa que ele descanse. É a vontade dos deuses.
Toma agora as esplêndidas armas de Hefesto,
belíssimas! Iguais ninguém pôs sobre os ombros!”
Assim falou a deusa. E depôs ante Aquiles
o arnês: todas as peças dedáleas ressoaram.
Os Mirmidões se tomam, todos, de terror.
Nenhum ousa mirá-las de frente; antes, fogem.
Mais se enfurece Aquiles, quando as vê. Seus olhos,
sob os cílios, fuzilam com feros revérberos.
Se apossa com prazer dos dons, gala de um deus.
Saciado de admirar os primores dedáleos,
volta-se para a mãe com estas frases-asas:
“Deu-me um deus, minha mãe, estas armas belíssimas,
obra de imortais, não factíveis por humanos.
Agora me encorajo para a guerra. Apenas
temo que, entrando pelas feridas que o bronze
rasgou no Meneceide, moscas importunas
germinem vermes, conspurcando o corpo morto
— já que a vida se foi — e todo ele apodreça.”
Tétis, a deusa pés-de-prata, respondeu-lhe:
“Filho, em teu coração não pese esse temor!
Eu mesma enxotarei a horda furiosa — moscas —
prontas a carcomer o morto, espólio-de-Ares.
Mesmo que jaza exposto, ao culminar de um ano,
firme sua carnação restará, mais bela ainda!
Vai! Convoca os heróis aqueus à reunião na ágora.

A ira amaina que o rei Agamêmnon te inspira.
Encouraja-te e vai, de ardor vestido, à luta.”
Falou e lhe infundiu vigor polianimoso.
Em Pátroclo, ambrosia e néctar rubro instila
pelas narinas; dá-lhe assim firmeza à carne.
Pelas praias talásseas foi-se, então, Aquiles
com brados estentóreos conclamando os Dânaos.
Os que ficavam de hábito na área das naus,
pilotos ao timão, intendentos de bordo,
os provedores de comida, todos, mesmo
esses, acudiam à ágora, pois o Aquileu
reaparecia, depois de ausente, tanto tempo,
da áspera refrega. Ares-adictos, Diomedes
belicoso e Odisseu acorreram, mancando,
apoiados às lanças, pois as chagas doíam-lhes.
Na ágora, na primeira fila, ambos sentaram-se.
Por último, chegou Agamêmnon, rei-de-homens,
também ele ferido; no violento vórtice,
desfechara-lhe Cóon Antenóride bronzi-
agudo golpe. Assim reunidos os Aqueus,
Aquiles, pés-velozes, levantou-se e disse:
“Atreide, para ti, para mim, a nós ambos,
de corações mordidos, ânimo-exaltados,
disputando, aloucados, uma simples moça;
para ambos nós melhor fora que a flechasse Ártemis
assim que a fiz cativa em Lirnesso, e a matara!
Então, mordendo o pó, mortos na vastidão,
tão grande número de Aqueus não jazeria,
vitimados por minha ira, um trunfo para Héctor
e os Tróicos; os Aqueus lembrarão nossa rixa
por anos. Mas passou, é passado; embora ainda
doa o coração, doma-o a necessidade.
Amaino agora minha ira. Permanecer
nessa fúria obstinada não me convém. Tu,
entretanto, concita à luta os Aqueus, longos-
-cabelos. Provarei os Tróicos, enfrentando-os,
caso, perto das naus, intentem pernoitar.
Mas, penso, dobrarão os joelhos, aliviados,
os que escapem da guerra, fugindo-me à lança.”
Falou. E se alegraram os Aqueus, de belas-
-cnêmides: renunciara à ira o Peleide, grande-
-coração. Agamêmnon, rei-de-homens, lhes disse,
do lugar onde estava, sem se alçar no meio
deles: “Bravos heróis aqueus, Ares-adictos!
É uma bela conduta ouvir quem se levanta,
sem disturbá-lo; mesmo o orador mais exímio
se deixa perturbar. Como ouvir ou falar
no tumulto? Ainda que eloquente, se embaraça.
Quero justificar-me ante o Peleide. E vós,
Aqueus, compreendei bem, pesai minhas palavras.
Muitas vezes os Dânaos fizeram-me amargas
censuras, reprovando-me. Não sou culpado,

mas Zeus, a Moira e a negronoctâmbula Erinia:
na ágora, eles cegaram-me o siso, funestos,
no dia em que tomei o prêmio do Aquileu.
Mas que fazer? Perpassa um nume e perfaz tudo:
Ate, a filha maior do pai Zeus, atroz, multi-
-enganosa. Pés lépidos, não pisa a terra;
anda sobre a cabeça dos homens e ao cabo
os arruina; um depois do outro, ela os burla e enreda.
O próprio Zeus, como se diz o mais potente
entre os deuses e os homens, ela já iludiu.
Hera, sendo mulher, dele se burlou, mente-
-dolosa, quando Alceme estava por parir
o vigor de Hércules, em Tebas, bem-coroadada
de muros. Exultando, ante o panteon reunido,
Zeus falou: 'Escutai, deuses e deusas. Meu
coração me comanda que vos anuncie:
Hoje, as Ilitias, deusas-parteiros, farão
ver a luz um que, sobre todos os vizinhos,
reinará, um da raça humana e do meu sangue.'
Mente-dolosa, a augusta Hera lhe respondeu:
'Uma pseudo-verdade! É falso isso que dizes!
Não o cumprirás. Caso o tenciones, Olímpico,
jura-me, então, solene: sobre os convizinhos
há de reinar aquele que, no dia de hoje, entre
pernas de mulher cair, humano e do teu sangue!'
Falou. E Zeus não deu pelo dolo em sua mente,
fazendo um mega-juramento. Atroz dislate!
Hera, súbito, do alto Olimpo se lançou
e à pressa dirigiu-se a Argos Aquéia, segura
de ali encontrar a esposa do Perseide Estéleno,
de sete meses grávida, esperando um filho
dileto. O vir-à-luz antecipando, a deusa
fez prosperar rebento prematuro, enquanto
sustava as Ilitias e, no seu parto, Alceme.
Hera mesma anunciou-o a Zeus Pai, o Croníade:
'Lançador de raios, grava o que eu digo: nasceu
o que comandará os Aqueus. Euristeu, filho
de Esténelo Perseide, de tua estirpe, é digno
de encabeçar os Gregos'. Dor aguda o punge.
Empolgou Ate atroz, lucilantes-madeixas,
e, coração colérico, jurou, solene,
interditar o Olimpo e o urânio estelário
à multienganadora. Com suas próprias mãos,
em giro, a despenhou céu estrelado abaixo.
Ela tombou em meio aos afãs dos humanos.
Zeus Pai a maldizia, lamentando que o filho,
a mando de Euristeu, se obrigasse a cumprir
trabalhos vis. Também eu, enquanto Héctor, elmo-
-coruscante, abatia os Aqueus junto a popa
das naus, não me esquecia da atroz insídia de Ate.
Se cometi um dislate e Zeus captou-me a mente,
quero agora aplacar-te com meus dons riquíssimos.

Mas lança-te ao combate e concita os guerreiros.
Empenho-me em prover-te dos presentes, todos,
que, em tua tenda, o divino Odisseu prometeu-te.
Caso o queiras, modera o esto de Ares, enquanto
meus servos te trarão, de minhas naus, as dádivas,
a fim de que avalies quão gratos são meus dons.”
Então lhe retrucou Aquiles, pés-velozes:
“Ó Agamêmnon Atreide, ilustre senhor-de-homens,
poderás, a teu gosto, dar-me logo os bens
— como é justo — ou retê-los. Agora, é pensar
tão-somente na guerra. Em palavreado, aqui,
não há tempo a perder; a obra grande está lá,
inconclusa. De novo, à dianteira, se veja
Aquiles trucidar com lança brônzea os Tróicos.
Que todos, lembrados do vigor, se batam!”
Mas o poliengenhoso Odisseu ponderou-lhe:
“Por mais bravo que sejas, ícone divino,
Aquiles, não exortes Aqueus em jejum
a combater com Tróicos junto aos muros de Ílion;
a peleja não vai durar um tempo exíguo,
ao choque das falanges, quando insuffle um deus
ardor em ambas. Manda que se fartem, junto
às naves, de alimento e vinho. Ganharão
em vigor e valor. De barriga vazia,
da aurora ao pôr-do-sol, não há como lutar;
por mais que o coração feroso urja o guerreiro,
à revelia seus membros se entorpecem, fome
e sede o abatem; frouxos, seus joelhos emperram;
aquele que fartou-se de comida e vinho,
por todo o dia, a fio, enfrentrará o inimigo,
um coração-de-leão no peito, membros firmes,
que não se cansam antes que os antagonistas
abandonem o campo. Assim, dissolve as tropas;
manda que lhes preparem o repasto; enquanto
isso, que o Atreide, rei-de-homens, faça vir à ágora
seus dons, para que todos os Dânaos os vejam
e se alegre teu íntimo. Que entre os Aqueus
se erguendo, o rei te preste um juramento: nunca
ter levado Briseide para a cama, nunca
ter-se unido a ela, como à mulher se une o homem.
Assim, teu coração se acalmará. Em sua tenda,
o rei te ofertará banquete lauto, e nada
à reparação justa há de fazer-te falta.
E tu, Atreide, no porvir, sê mais equânime
para com outros. Não deslustra um basileu
desculpar-se ante alguém a que ofendeu primeiro.”
Disse-lhe, por seu turno, Agamêmnon, rei-de-homens:
“Alegra-me escutar, Laertiade, tuas palavras.
Tudo expuseste, tudo enumeraste, como
cabe. Disponho-me a essa jura, a impõe meu íntimo,
ao dâimon não serei perjuro. Que o Aquileu
aguarde aqui, por mais que Ares o açule. E vós,

também, reunidos, aguardai os dons. Um pacto há de lavrar-se, fiel. Incumbo-te, Odisseu, de escolher entre os jovens da Pangrécia o escol para trazer das naus os ontem prometidos presentes meus a Aquiles; e as cativas junto. Que Taltíbio se apreste a preparar no vasto campo aqueu, para ser imolado a Zeus e Hélio-Sol, um javali". Pés-velozes, o Aquileu lhe responde: "Agamêmnon, rei-de-homens, Atreide ilustre: poderás, em momento melhor, cuidar de todas essas coisas; na ocasião de uma trégua no embate, quando se arrefeça o fogo de meu peito. Agora jazem, por Héctor Priâmeo lanccados, aqueles que Zeus lhe concedeu a glória de domar. E nos recomendais, vós ambos, que comamos? Não. Antes instigarei os Aqueus a bater-se, famintos, em jejum, e só depois ao pôr-do-sol, vingada a ofensa, então se banquetear; não me passarão pela garganta, antes, pão ou vinho, estando o amigo na tenda, pés para a frente, morto pelo bronze, e em torno o pranto dos companheiros; só uma coisa tenho em mente: carnagem, morticínio, gemidos, o horror!"

Replicou-lhe Odisseu, políastuto, dizendo: "Aquiles Peleide, és o mais forte dos Dânaos, de longe, e me superas no vigor da lança: mas muito me vantagemo sobre ti no engenho: nasci primeiro e muito mais coisas já vi. De coração paciente acata minhas palavras. Os homens se fatigam cedo das batalhas, sempre que muita palha o bronze espalha ao solo, mas é bem parca a messe quando Zeus inclina — tesoureiro de humanas pugnas — a balança. Que os Aqueus não pranteiem os mortos com o estômago. Mortos, todos os dias, estes após aqueles, tombam. De tanto luto, quando tomar fôlego? É preciso enterrar os defuntos com firme coração, e pranteá-los por um dia, — um só! Aos sobrevividos do espantoso embate cabe tomar tento em comer e beber, para então, sem trégua, revestidos de sólido bronze, combater o inimigo. Que ninguém se quede à espera de outras ordens. Ficar junto às naves, inerte, é ruim. Cerrando fileiras, nós todos contra os doma-corcéis açularemos Ares!"

Disse. E como parceiros tomou os Nestórides; o Filéideo Meguete, mais Toante e Meríones; Licomedes, o Crêontide, mais Melanipo. Juntos se dirigiram todos para a tenda de Agamêmnon Atreide, o rei. Com rapidez, o dito foi cumprido e a missão se perfez.

Eles trouxeram sete trípodes da tenda,
conforme o prometido; vinte resplendentes
caldeiras; uma dúzia de corcéis e sete
mulheres, todas hábeis em prendas; a oitava,
maças-do-rosto-lindas, era enfim Briseide.
Pesados dez talentos de ouro, Odisseu porta-os;
os outros seguem-no, à ágora mais dons levando.
Agamêmnon levanta-se e Taltíbio, voz
de um quase-deus, que às mãos segura um javali,
põe-se a seu lado. O Atreide, puxando da bainha
da espada o punhal penso, cortou as primícias
das cerdas da cabeça do animal, a Zeus
erguendo, suplicante, as mãos. Os Aqueus todos,
em silêncio, sentados, ouviram o rei.
Fitando o vasto céu urânio, O Atreide orou:
“Primeiro Zeus, o deus maior e mais excelso,
testemunhe, bem como Gêa-Terra, Hélio-Sol
e as Erínias subtérrneas, que punem os homens
que perjuram: eu juro que jamais toquei
em Briseide, nem para conduzi-la à cama,
nem sob outro pretexto. Manteve-se intacta
em minhas tendas. Se é falso o que estou dizendo,
que os deuses me cumulem dos males que caem
sobre o perjuro.” Disse E com bronze inclemente
cortou a gorja ao cerdo. Taltíbio jogou-o —
repasto para os peixes — , com um giro, ao mega-
-abismo do mar branco-salino. O Aquileu,
de pé, em meio aos seus, clamou: “Zeus Pai, transtornas
e enceguedes os homens; no meu coração,
jamais o Atreide houvera incitado a ira, nem
de minha tenda, à bruta, arrebatado a moça,
se de tantos Aqueus não quisesses dar cabo.
Ide comer agora. Depois, todos a Ares!”
Falou. Rapidamente a ágora dissolveu-se.
Dispersos, os guerreiros procuram suas naus.
Corações-animosos, os Mirmidões levam
para o navio de Aquiles, divino, os presentes.
Nas tendas os depõem, dispondo que as mulheres
sentem-se. Dos corcéis, cuidam os escudeiros.
Assim que Briseide — ícone de Afrodite ouro-
-loura — viu, transpassado pelo bronze, o corpo
de Pátroclo, abraçou-o, em soluços, lanhando
o seio, o colo tenro e as faces com as mãos.
Disse então, a chorar, mulher quase-uma-deusa:
“Ó Pátroclo, dileto do meu coração
sem fortuna! Deixei-te, ao sair da tenda, cheio
de vida, e agora estás morto, condutor-de-homens!
Para mim, a um mal segue sempre outro mal. Vi,
diante dos muros, o homem que pai e mãe deram-me
por esposo, varado pelo bronze cruel;
três amados irmãos, de minha mãe gerados,
também os alcançou, aos três, o dia aziago.

E não, não me deixaste chorar quando Aquiles, pés-velozes, matou-me o marido e assolou a pólis de Minete; seria — prometeste — pelo Aquileu tomada como sua legítima esposa e conduzida em sua nau para as bodas na Ftia dos Mirmidões. Ó sempre-doce, vou chorar-te sempre.” Em lágrimas, falou. As outras, chorando o morto, as próprias penas também choram. Os gerontes aqueus, em torno a Aquiles, rogam-lhe que se alimente. Angustiado, ele se recusa: “Se entre vós há quem me ouça, caros companheiros, não me forceis a saciar fome e sede agora. Tomou-me uma terrível dor. Até que o Sol-Hélio decline, aguardarei. Posso aguentar.” Falou. E despediu os outros basileus. Mas ficaram os dois Atreides, Odisseu. Néstor, Idomeneu e o velho Fênix, guia-corcéis, para aliviá-lo do amargor profundo. Só penetrar na goela sangrenta da guerra o aliviaria. Rememorava, suspiroso: “Ó sem-ventura, o melhor entre os companheiros! E dizer que na tenda outrora me servias, prestes, a refeição, enquanto se apressavam os Aqueus em levar Ares, a guerra multi-lágrima, aos Tróicos. Jazes, agora, alanceado. Meu coração jejua. Não porque faltem víveres, mas por ti. Dor maior não poderia afligir-me, nem mesmo se eu soubesse que morreu meu pai, que ora talvez em Ftia derrame ternas lágrimas pela ausência do filho. (E eu, entre gente estranha pela funesta Helena a combater os Tróicos!). Nem mesmo se meu filho, que em Esciro educa-se, símil-a-um-deus Neoptólemo, morrera (se é que ainda vive). Confiara-me o coração, fiara-me: que eu só, distante de Argos, nutriz-de-corcéis, finava-me aqui em Tróia; enquanto à Ftia, de torna-viagem, de Esciro conduzisses o meu filho em tua nau negro-rápida, para mostrar-lhe meus bens, a escravaria, o mega-solar alti-coberto. Peleu, creio, estaria morto, à altura, ou, se vivo, teria sempre a mortificá-lo a esquálida velhice e a angústia de esperar a lutuosa notícia da morte do filho.” Falou, em prantos. Lastimaram-se os gerontes, recordando o que haviam deixado em seus palácios. Vendo-os chorar, condói-se Zeus Croníade, e à Atena dirige, de improviso, estas palavras-asas: “Filha querida, abandonaste o teu herói? De Aquiles já não mais cuida teu coração? Ei-lo sentado junto às naus de empoadas quilhas, chorando o companheiro amado, enquanto os outros cuidam de comer; ele só se abstém, jejua.

Vai, infunde-lhe néctar e a grata ambrosia
no peito; assim, a fome não o afrouxará.”
Falou. E incitou Palas, já por si excitada.
Feito claríssimo falcão marinho de asas
ampliabertas, do urânio, Atena, éter abaixo,
catapulta-se ao campo onde o exército aqueu
se encouraça. No peito de Aquiles infunde
néctar e ambrosia grata: que de fome não
afrouxe os joelhos. Torna então ao solar sólido
do poderoso pai. Fervilhando, os guerreiros
saem das naus. Feito flocos-de-neve cadentes
de Zeus, gélido-espessos, à impulsão de Bóreas
filho-do-éter, das naus, espessamente, irrompem
elmos relampejantes, escudos umbili-
formes, blindadas armaduras, longas lanças
de freixo. Sobe ao céu o fulgor. Ri-se a terra
em torno, ao brilho brônzeo. Com fragor reboam
os pés dos homens. Entre eles, Aquiles arma-se,
divino. Ei-lo a ranger os dentes, olhos fúlguros
feito fogo em fagulhas; no coração, dor
indomável. Furioso contra os Tróicos, veste
os dons do deus, lavor laborioso de Hefesto.
As belas cnêmides em torno às pernas ata
com fivelas de pura prata. Então enverga
ao redor de seu tórax o arnês. Às espaduas
suspende a espada brônzea, argênteo-cravejada.
Embraça o mega-escudo massiço enfim, de onde
se difunde um clarão quase-lunar, bem longe.
Quando aos nautas, no oceano, alumbrava um resplendor
de fogueira a queimar no píncaro do monte,
em sítio solitário, a procela os impele
a contragosto ao mar piscoso, para longe
dos amigos; assim no éter raiava o escudo
dedáleo-belo do Aquileu. Ele ergue e põe
sobre a cabeça o sólido elmo tetracórnio;
lampeja como estrela o casco cauda-eqüina,
e as crinas de ouro ondulam ao redor do topo,
áureo tufo que Hefesto lhe apusera. Aquiles
prova se o arnês se adapta aos seus membros, dúctil.
São asas e alam o herói, guia-de-homens. Então
tira do estojo a lança paterna, pesada,
robusta, enorme. Aqueu nenhum, salvo ele próprio,
podia sustê-la. Freixo do Pélion que Quíron
dera ao pai Peleu, para o prélio mortal contra
heróis adversos. Dos cavalos cuida o auriga
Automedonte com ajuda de Álcimo; eles
os atrelam à biga; cingem-nos de belas
correias; os maxilares enfreiam e repuxam-lhes
até o firme assento as rédeas. O faiscante
chicote Automedonte, exímio em seu manejo,
o empunha e salta sobre o carro equino. Aquiles,
todo-em-arms, fulgindo como o Sol-Hípérion,

sobe em seguida e brada aos paternos corcéis,
terrível: “Xanto e Balio, célebres rebentos
da harpia Podarga, um outro modo cogitai
de trazer são e salvo aos Dânaos vossô guia
quando farto da guerra. Não o largueis morto
no campo, como Pátroclo.” Patas-velozes,
sob o jugo, responde-lhe Xanto, inclinando
a cabeça; ao chão quase, fora da coleira,
suas crinas se derramam. Hera, braços-brancos,
dá-lhe fala: “Hoje ao menos, impetuoso Aquiles,
te salvaremos. Mas o dia fatal se acerca.
Não nos culpes. Inculpa um deus maior e a Moira,
Não foi por lentidão, nem por preguiça nossa,
que os Troianos, dos ombros de Pátroclo, as armas
lhe arrancaram. Um deus fortíssimo, gerado
por Latona, a de lindos cabelos, matou-o
à vanguarda das tropas, e a Héctor deu a glória.
Na carreira, podemos competir com Zéfiro,
cujo sopro, se diz, é o mais veloz. A Moira
mora em ti: morrerás às mãos de um nume e um homem.”
Falou. Então, calaram-no as Erínias. Torvo,
retrucou-lhe o Pés-velozes: “Xanto, por que
me agouras? Não devias. Sei muito bem que a Moira
à morte me destina, aqui, longe dos meus
queridos pais. Nem por isso hei de ceder, antes
que de tanto guerrear se fatiguem os Tróicos.”
Disse e avante incitou os corcéis unicascos.

